

(AUTO)biografia: contribuições da autonomia e da criatividade para uma estudante surda no curso de Pedagogia

*Vera Lúcia Simão**

*Camila Pureza Zanotto***

*Adriana da Silva Ferreira de Oliveira****

*Thais de Oliveira****

Resumo

A presente pesquisa é parte do fruto de um trabalho de conclusão de curso de Pedagogia, da Universidade Regional de Blumenau e apresenta a experiência de vida e relato das práticas de atuação de uma professora Surda. E teve como objetivo geral, identificar evidências do desenvolvimento da autonomia e da criatividade no processo de formação inicial aplicadas na prática pedagógica, a partir de sua história de vida. Trata-se de uma pesquisa qualitativa com narrativa (Auto) biográfica descrita em

* Universidade Alto Vale do Rio do Peixe – UNIARP e Universidade Regional de Blumenau - FURB. Doutora. Docente e Pesquisador do Programas de Profissional em Educação Básica da UNIARP e Professora de Graduação na Universidade Regional de Blumenau - FURB ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6169-0242>. E-mail: vera.simao@uniarp.edu.br

** Universidade Regional de Blumenau – FURB. Pedagoga. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9343-5975>. E-mail: camilapurezazanotto@gmail.com

*** Mestre pela Universidade Alto Vale do Rio do Peixe – UNIARP – Caçador – SC. Docente efetiva atuando em séries iniciais do Ensino Fundamental da Rede Municipal de Ensino do Município de Caçador – SC - ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7613-8901>. E-mail: adrianadasilvaferreiradeoliveira@gmail.com

*** Mestre pela Universidade Alto Vale do Rio do Peixe – UNIARP – Caçador – SC. Assistente Técnica de Educação, Intérprete de Libras no curso de pedagogia UNIARP; Docente da disciplina de Metodologia de Ensino da Educação Infantil- ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4062-0066>. E-mail: thaisbiancag@gmail.com

forma de episódios, apoiada na pesquisa bibliográfica. Como resultado, a pesquisa apontou a importância do desenvolvimento da autonomia e da criatividade nos processos de formação inicial para sua aplicação na prática pedagógica, dando destaque as etapas da Polinização Psicopedagógica descritas por Torre (2019).

Palavras-chave: Professora surda; Autonomia; Criatividade; Polinização. Psicopedagógica.

(AUTO)biography: contributions of autonomy and creativity to a deaf student in the Pedagogy course

Abstract

The research “(Auto) biography, life experience and report of the teaching practice practices of a Deaf teacher in formation” is the result of a finalization work in Pedagogy at the Regional University of Blumenau. This research aimed to identify evidence of the development of autonomy and creativity in the initial training process and applied in the pedagogical practice of a deaf student of the FURB Pedagogy course, from her life history. To meet the research objectives, a (Auto) biographical research was conducted taking as a starting point the experiences lived by the researcher, described in the form of Episodes. As a result, the research pointed to the importance of developing autonomy and creativity in the initial formation processes for its application in pedagogical practice, highlighting the stages of Psychopedagogic Pollination described by Torre (2019).

Keywords: Deaf teacher; Autonomy; Creativity Psychopedagogic. Pollination.

(AUTO)biografía: aportes de autonomía y creatividad a un estudiante sordo en la carrera de Pedagogía

Resumen

La presente investigación es parte del resultado de un trabajo de conclusión del curso de Pedagogía, en la Universidad Regional de Blumenau y presenta la experiencia de vida y relato de las prácticas de actuación de una profesora Sorda. Y tuvo como objetivo general identificar evidencias del desarrollo de la autonomía y la creatividad en el proceso de formación inicial aplicado en la práctica pedagógica, a partir de su historia de vida.

Se trata de una investigación cualitativa con narración (Auto)biográfica descrita en forma de episodios, sustentada en investigación bibliográfica. Como resultado, la investigación señaló la importancia de desarrollar la autonomía y la creatividad en los procesos de formación inicial para su aplicación en la práctica pedagógica, destacando las etapas de la Polinización Psicopedagógica descritas por Torre (2019).

Palabras clave: Profesora sorda; Autonomía; Creatividad; Polinización psicopedagógica.

Introdução

A presente pesquisa apresenta a experiência acadêmica e profissional de uma professora cheia de sonhos, expectativas, habilidades, competência, criatividade, inovadora e surda. Uma profissional com toda sua inteireza. A motivação inicial pelo tema, surgiu a partir de um diálogo sobre a relevância do trabalho enquanto professora de Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), no espaço de educação infantil, e a importância de compartilhar a experiência acadêmica e profissional com intuito de contribuir para formação de outros profissionais surdos, bem como pensar o trabalho inclusivo com as crianças surdas.

Assim, a pesquisa promoveu a difusão do papel do professor de LIBRAS de ensinar as crianças a se comunicarem por meio da Língua de Sinais e partir de então, instigar sua autonomia comunicativa. A partir da pergunta de pesquisa; quais foram as práticas pedagógicas que desenvolveram a autonomia e criatividade de acordo as vivências para a formação de uma estudante surda no Curso de Pedagogia? E teve como objetivo geral, identificar evidências do desenvolvimento da autonomia e da criatividade no processo de formação inicial aplicadas na prática pedagógica de uma estudante surda do curso de Pedagogia da FURB, a partir da sua história de vida. Os resultados e discussões contribuíram significativamente para ampliação dos referenciais teórico-metodológicos dos cursos de formação inicial e continuada de professores da Educação Infantil de Blumenau, região e da Rede Internacional de Escolas Criativas RIEC, RIEC BRASIL, RIEC FURB, RIEC ECOFOR e RIEC UNIARP. Da mesma forma, para os professores e gestores

dos CEIs pertencentes a Rede Municipal de Ensino de Blumenau, dando subsídios teóricos e práticos para uma ação pedagógica cada vez mais inclusiva, significativa, inovadora e criativa.

Caminhos Teóricos

A educação dos surdos teve origem em meados do século XVI, por meio do monge Benedito Pedro Ponce de León, que educou dois surdos: Francisco e Pedro de Velascos, filhos de uma família espanhola bem reconhecida na época.

Na história houve um tempo de aceitação da língua de sinais, entretanto o grande impacto que mais marcou a história dos surdos foi o congresso de Milão de 1880, a língua de sinais foi proibida e completamente banida na educação dos surdos alegando que a língua de sinais atrapalhava os surdos adquirirem habilidade na língua oral. O método utilizado era o Oralismo, essa proposta visava “normalizar” os sujeitos surdos que deveriam aprender a falar. A surdez era considerada uma anormalidade uma patologia, os surdos precisavam se comportar como ouvintes.

[...] ficou decidido no Congresso Internacional de Professores Surdos, em Milão, que o método oral deveria receber o status de ser o único método de treinamento adequado para pessoas surdas. Ao mesmo tempo, o método de sinais foi rejeitado, porque alegava que ele destruiu a capacidade de fala das crianças. O argumento para isso era que ‘todos sabem que as crianças são preguiçosas’, e por isso, sempre que possível, elas mudariam da difícil oral para a língua de sinais. (WIDELL, 1992, p. 26).

Com o passar do tempo percebeu-se a ineficiência do método Oralista e passou-se a utilizar o método de Comunicação Total, compreendida como aquela que defende a utilização de inúmeros recursos linguísticos (fala, gestos criados pelas crianças, leitura labial, língua de sinais, alfabeto manual e escrita), o objetivo era propiciar a criança possibilidade de uma comunicação. Entretanto ainda deixava lacunas na educação surda, até que surgiu o método chamado Bilinguismo.

De acordo com Goldfeld (1997, p.38)

O Bilingüismo caracteriza-se da seguinte forma: O Bilingüismo tem como pressuposto básico que o surdo deve ser Bilíngüe, ou seja, deve adquirir como língua materna a língua de sinais, que é considerada a língua natural dos surdos e, como Segunda língua, a língua oficial de seu país(...) os autores ligados ao Bilingüismo percebem o surdo de forma bastante diferente dos autores oralistas e da Comunicação Total. Para os bilingüistas, o surdo não precisa almejar uma vida semelhante ao ouvinte, podendo assumir sua surdez.

Nessa proposta é primordial que a criança surda tenha contato com pessoas fluentes na Língua de Sinais (seus pais, professores ou outros), seu desenvolvimento na Língua materna é a base para o aprendizado da segunda Língua (língua oral), em sua forma escrita a ser aprendida na escola. O método bilíngüe tem a finalidade de uma educação de qualidade, onde os conteúdos são ensinados na primeira língua do surdo (L1) Língua de Sinais – LIBRAS e a Língua Portuguesa como segunda língua (L2).

No Brasil no ano de 2002 foi aprovada a Lei nº 10.436, que reconhece a LIBRAS como língua oficial da comunidade surda

Entende-se como Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS a forma de comunicação e expressão, em que o sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constitui um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil (BRASIL, 2002, p. 1).

Além de garantir o direito à comunicação o reconhecimento da LIBRAS possibilitou status linguístico para língua, pois atualmente são consideradas pela linguística como línguas naturais, desmistificando o conceito utilizado anteriormente como linguagem ou gestos. As pesquisadoras Quadros e Karnopp (2004) mencionam

As línguas de sinais são, portanto, consideradas pela linguística como línguas naturais ou como um sistema linguístico legítimo e não como um problema do surdo ou uma patologia da linguagem. Stokoe, em 1960, percebeu e comprovou que a língua de sinais atendia a todos os critérios linguísticos de uma língua genuína, no léxico, na sintaxe, e na capacidade

de gerar uma quantidade infinita de sentenças (QUADROS; KARNOPP, 2004, p. 30).

Considerando esses aspectos é importante que a criança surda desde tenra idade tenha contato com a língua de sinais, possibilitando avanços nos estágios da aquisição da língua, aprendendo a mesma de forma natural como ocorre com crianças ouvintes com a língua oral. Nesse caso é de suma importância que a criança surda tenha contato com adultos surdos, pois por meio dessa relação é que ela terá garantido o acesso a língua de sinais e sua formação de identidade surda. Com relação a criança surda, filha de pais ouvintes que não dominem a língua de sinais, o papel do Instrutor de LIBRAS é primordial, pois possibilitará o desenvolvimento linguístico da criança surda. Esse profissional está previsto no decreto nº 5.626/05 que regulamenta a Lei 10.436, e define a formação do profissional Instrutor de LIBRAS para trabalharem junto a educação de surdos.

Art. 6º A formação de instrutor de LIBRAS, em nível médio, deve ser realizada por meio de:

Cursos de educação profissional;

cursos de formação continuada promovidos por instituições de ensino superior; e

cursos de formação continuada promovidos por instituições credenciadas por secretarias de educação.

§ 1º A formação do instrutor de LIBRAS pode ser realizada também por organizações da sociedade civil representativa da comunidade surda, desde que o certificado seja convalidado por pelo menos uma das instituições referidas nos incisos II e III (BRASIL, 2005).

No contexto escolar o professor/instrutor de LIBRAS potencializa no processo de aprendizagem da criança surda, pois o mesmo organiza com antecedência o material para língua de sinais, com imagens, recursos visuais, jogos, cartazes com o alfabeto manual e sinais em LIBRAS, entre outros, para o enriquecimento do conteúdo de sala de aula e a compreensão por parte dos alunos surdos.

Além disso é o responsável para disseminar a língua de sinais no espaço que está inserido, possibilitando que todos os envolvidos, professora regente, alunos ouvintes, entre outros, aprendam essa língua com intuito de estabelecer uma comunicação com o aluno surdo incluso na escola. A parceria com os professores regentes é de extrema importância para que o trabalho do professor de LIBRAS tenha sucesso.

Nas Diretrizes Curriculares Municipais para Educação Básica de Blumenau a função do(a) professor(a) instrutor(a) de LIBRAS que atua na educação infantil é:

Contemplar o ensino da língua materna (LIBRAS) como primeira língua e difundir a LIBRAS nas instituições de ensino, planejando em conjunto com os demais profissionais. Cabe às unidades escolares garantir e gerenciar momentos de planejamento entre os profissionais envolvidos no atendimento aos alunos da educação especial. (SEMED, 2012).

Para que seja garantido o direito à educação escolar do aluno surdo será necessário além do profissional instrutor de LIBRAS o profissional Intérprete de LIBRAS. O profissional intérprete de LIBRAS é o sujeito que interpreta de uma língua fonte para uma língua alvo, seja ela na modalidade oral para língua de sinais ou vice versa. Podendo atuarem diferentes contextos, empresarial, jurídico, saúde, midiático, escolar entre outros.

Entretanto, o profissional intérprete nesse último contexto, escolar. De acordo com o decreto nº 5.626 art. 17 “a formação do tradutor e interprete de LIBRAS – Língua Portuguesa deve efetivar-se por meio de curso superior de Tradução e Interpretação, com habilitação em LIBRAS - Língua Portuguesa.” (BRASIL, 2005).

Vale ressaltar que não basta apenas prover esse profissional, o mesmo necessita ter fluência em língua de sinais, precisa ter domínio da língua e também conhecer estratégias de interpretação, para que o aluno surdo receba as informações de forma apropriada. Quadros, (2004, p. 63), afirma que, “o intérprete passa a necessitar de conhecimentos cada vez mais específicos e aprofundados

para poder realizar as interpretações compatíveis com o grau de exigência dos níveis cada vez mais adiantados da escolarização”.

Além disso, Quadros, (2006, p. 63), comenta que “a adequação da estrutura física da sala de aula, a disposição das pessoas [...], a adequação da forma de exposição por parte do professor são exemplos de aspectos a serem reconsiderados em sala de aula”. Todos esses fatores contribuirão no sucesso da inclusão e permanência do educando surdo, dadas as condições ideais para aprendizagem, o estudante surdo é plenamente capaz de desenvolver suas potencialidades.

A busca por uma formação superior vai além da dedicação e esforço em estudar uma área pela qual nos identificamos. O espaço acadêmico proporciona um crescimento pessoal, aprendido não apenas em livros, mas nas relações com colegas, professores e momentos de discussão. Libâneo, (2001, p. 22), afirma que “o professor é o mediador desse encontro do aluno com os objetos de conhecimento. O professor introduz os alunos no mundo da ciência, da linguagem, para ajudar o aluno a desenvolver seu pensamento, suas habilidades, suas atitudes”. Além do esforço pessoal, a FURB possui o Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI) - 2016-2020, destacando no item; 3.4.5 Atenção ao Estudante e Núcleo de Inclusão (NInc); a garantia em Lei da Política de Inclusão

A Resolução nº 059/2014, de 23 de outubro de 2014, institui a Política de Inclusão das Pessoas com Deficiência e com Altas Habilidades/Superdotação e cria o Núcleo de Inclusão (NInc) da FURB. Esta política define diretrizes e ações para assegurar a participação das pessoas com deficiência e com altas habilidades nas atividades da Universidade. O NInc, por sua vez, tem como objetivo instituir e garantir ações integradas de apoio às demandas e necessidades estudantis que representem riscos potenciais ou efetivos à sua inclusão e ou prosseguimento nos cursos da Universidade. (FURB, 2017, p. 148).

Conforme Nóvoa (2017, p. 17), “O eixo de qualquer formação profissional é o contato com a profissão, o conhecimento e a socialização num determinado universo profissional”. No caso da pesquisa atual, o trabalho passou a ser um “Laboratório”, cujas

experiências permitiram compreender melhor a teoria e vivenciar a prática.

É preciso que toda a formação seja influenciada pela dimensão profissional, não num sentido técnico ou aplicado, mas na projeção da docência como profissão baseada no conhecimento. A formação deve funcionar em alternância, com momentos de forte pendor teórico nas disciplinas e nas ciências da educação, seguidos de momentos de trabalho nas escolas, durante os quais se levantam novos problemas a serem estudados através da reflexão e da pesquisa. (NOVÓIA, 2017, p. 11).

No decorrer da formação acadêmica foi encontrado textos, artigos disponibilizados pelos professores, redigidos em Português, em alguns momentos foi necessário suporte dos profissionais intérpretes, colegas de classe e professores. Alguns professores inspiraram e isso fez toda a diferença fortalecimento para persistir até o final.

1.1. Autonomia e criatividade

A autonomia é um dos destaques da pesquisa, visto que seu desenvolvimento pode proporcionar a emancipação na tomada de decisões, na resolução de problemas entre outras questões importantes e necessárias para se viver em um mundo em transformação. “Pode-se entender dessa forma que a autonomia, mais do que um objetivo a ser alcançado com as crianças, é um princípio das ações educativas” (BRASIL, 1998, p.14). Inclui também, o modo como o adulto gere os conflitos, os regulamentos e as questões comportamentais.

A autonomia é tomada ao mesmo tempo como capacidade a ser desenvolvida pelos alunos e como princípio didático geral, orientador das práticas pedagógicas (...). Uma opção metodológica que considera a atuação do aluno na construção de seus próprios conhecimentos valoriza suas experiências, seus conhecimentos prévios e a interação professor-aluno e aluno-aluno, buscando essencialmente a passagem progressiva de situações em que o aluno é dirigido por outrem a situações dirigidas pelo próprio aluno (BRASIL, 2006, p. 62).

A orientação pedagógica garante a progressão da autonomia da criança em seu desenvolvimento pleno, por meio de ações que favoreçam a emancipação das aprendizagens de forma criativa e expressiva. Assim como afirma Tonnucci (1999, p. 19) “nos constituímos a partir das ‘pequenas atividades cotidianas’, pois estas, ao tornarem-se hábitos, fundamental a autonomia da criança”. Neste viés, a criança surda, em especial, que aprende desde muito pequena ao tornar-se autônoma por meio da linguagem, tomará mais prontamente atitudes a favor dela mesma, marcando sua identidade bem como sua forma aprender de acordo com sua condição.

O Currículo Base da Educação Infantil e do Ensino Fundamental do Território Catarinense (CBTC) também aponta aspectos relevantes quanto a autonomia e a criatividade a partir da efetivação de uma prática educativa de qualidade, constituídos de elementos essenciais,

há aspectos que interferem de forma significativa para a efetivação de uma prática de qualidade na Educação Infantil, entende-se que o papel desses profissionais é constituído por alguns elementos essenciais, a saber: reconhecer as especificidades dos processos de desenvolvimento e de aprendizagem, respeitando os ritmos, os desejos e as necessidades das crianças; reconhecer e acolher as necessidades manifestadas pelas crianças, entendendo o acolhimento a essas necessidades como condição do exercício de sua cidadania; considerar as interações das crianças com seus pares, com os adultos e com o meio natural e cultural, um propulsor do desenvolvimento infantil; assegurar o conforto, a segurança e o bem-estar das crianças; possibilitar que a criança conquiste progressivamente sua **autonomia** e autorianas ações de forma **criativa** e responsável; estar disponível à escuta e à observação constante; promover a participação das crianças no dia a dia e lidar com situações não previstas (SANTA CATARINA, 2019, p. 110-111, grifo nosso).

Podemos perceber isso na forma como elas brincam, nas suas conversas, entre outras atitudes da criança. “As crianças criam e recriam constantemente ideias e imagens que lhes permitem representar e entender a si mesmas e suas ideias sobre a realidade.” (MOYLES, 2002, p. 83).

Pode-se encontrar a criatividade dentro do documento da DCNEI, como um dos princípios que devem ser respeitados dentro da proposta pedagógica. “Princípios Estéticos: dasensibilidade, da criatividade, da ludicidade e da liberdade de expressão nas diferentes manifestações artísticas e culturais.” (BRASIL, 2010, p.16).

Torre (2008) afirma que a criatividade é tida como algo universal, uns tem mais que outros. Ou seja, para que possamos desenvolver a criatividade é necessário que sejam criados ocasiões, atividades e elementos para que isso possa ser favorecido. Torre (2013) ainda afirma, que precisamos converter um espaço educativo agradável de convivência, em um laboratório criativo, onde crianças e professores seguem aprendendo de forma significativa, imaginativa, integral e especialmente de forma compartilhada e responsável.

E é na primeira infância que, ainda segundo Torre (2005), a importância do desenvolvimento sensorial, de criar interesses novos, de sensibilizar-se perante o que é problemático, são variantes relevantes do desenvolvimento criativo. “A reflexão profunda, o sonhar e o fantasiar podem ser momentos positivos para a criatividade quando transformados e comunicados.” (TORRE, 2005, p.60).

Nessa perspectiva, entende-se que a criatividade nos torna mais capazes de entender a vida, a partir de uma visão interativa, com novas maneiras de sentir, pensar e atuar (PUJOL, 2009). Relacionar todas as formas de aprender e de ensinar com sua inteireza, proporciona um conhecimento multidimensional e multicultural, indicando caminhos para uma educação muito mais significativa e legítima.

1.2. Polinização Psicopedagógica

Mais que polinizar é dar frutos de tudo aquilo que se compartilha, conecta, fecunda e frutifica Torre (2019), na educação. E qual a razão de se polinizar na educação? Qual a relevância e compreensão desse conceito numa prática pedagógica transformadora? Antes, é preciso compreendermos seu significado e sua relação com a educação.

Torre (2019) traz o termo polinização da botânica com o significado fecundar o pólen de uma flor, passando por todas as partes, antera, conectivo, filete até germinar. A Polinização Psicopedagógica (TORRE, 2019) nos direciona para compreensão de quatro leis ou princípios que inspiram todo processo. Polinização Psicopedagógica significada de acordo com Torre (2019, p. 06, tradução nossa)

Compartilhar informações, explore possibilidades, transfira pólen de um lugar para outro. Abelhas, insetos e outros agentes ou vetores externos transferem pólen enquanto compartilham informações quando não enviam um inseto, como é o caso das planícies para explorar lugares, distância, quantidade e qualidade dos alimentos.

Conectar, junte, vincule estames e estigma, sem esta conexão a próxima fase não será possível. A conexão desses dois componentes, o masculino e o feminino, mostra claramente a complementaridade e a necessidade de ambos. Às vezes, os seres humanos geram controvérsias infrutíferas sobre questões que a natureza resolveu desde suas origens. Ambos os elementos são necessários igualmente para gerar algo novo e é inadequado reivindicar superioridade um do outro. A natureza é uma referência para imitar também nisso.

Fertilizar, germinar, conceber, gerar nova vida. É a fertilização do óvulo da flor. A fertilização é o mecanismo usual em plantas e seres vivos para se reproduzir, encontrando casos de autopolinização ou autofertilização.

Frutificar, dando sementes e frutos para a sobrevivência das espécies. A vida das espécies é regenerada, aparecendo mudanças genéticas e novas espécies. Dessa forma, eles prosperam, evoluem e enriquecem, aumentando o número de variações de plantas. E o processo de polinização começa.

São elementos que impulsionam processos pedagógicos que transformam práticas desarticuladas da realidade em práticas pedagógicas significativas, reais e transformadoras. Sem esses agentes o processo de perde e não dá os frutos esperados.

Do mesmo modo, entende-se o psicopedagógico, que para Torre (2019)

Processo mediante o qual compartilhamos, conectamos, damos vida e germinamos mudanças a nível pessoal, profissional, organizacional ou social, promovidos por impulsos

internos ou agentes externos, até sua consolidação(frutificação)”. Em síntese, transformas aquelas pessoas, grupos e organizações mediante influências internas ou agentes externos. (TORRE. 2019, p. 39, grifo do autor e tradução nossa).

Os processos descritos por Torre nos leva a compreendermos que, se não frutificamos a ponto de promover mudanças, seja a nível pessoal, profissional, organizacional ou social, não chegamos a efetivar de fato uma transformação interna ou externa. Para tanto, ao aproximarmos práticas pedagógicas que partam do conhecimento prévio dos estudantes, conectando com a própria vida e com o outro, fertilizando ações pedagógicas que valorizam as pessoas e o lugar de onde vivem, serão passos certo a caminho da frutificação.

Metodologia

Trata-se, portanto, de uma pesquisa qualitativa em que as narrativas (auto)biográficas foram a centralidade deste estudo, apoiada na pesquisa bibliográfica. A pesquisa (auto)biográfica tem se apresentado, nos últimos anos, como uma abordagem colaborativa para o trabalho formativo de docentes. Gaston Pineau (1999, p. 331), destaca que o vínculo entre biografia e aprendizagem surge na França, nos anos 1970, com Henri Desroche (1990), na *École des Hautes Études en Sciences Sociales*.

Para tanto, é importante entendermos que a pesquisa (auto)biográfica pode ser compreendida como estratégia de investigação qualitativa, a partir das narrativas das histórias de vida, sua leitura de mundo, seus sentimentos, percepções e interações com o contexto social em que estão localizados. Dessa forma, “[...] antes de tudo um ato responsável”, eis aqui a importância da pesquisa (auto)biográfica para o campo da Educação (FREITAS, 2007, p.12).

As narrativas em forma de Episódios expostas na pesquisa, são prova disso, por trazerem à tona toda uma história de superação, determinação e busca por uma profissão na qual coloca a condição de pessoal capaz de contribuir para uma educação de qualidade. Ainda, “a escrita de si é considerada como dispositivo mediante o qual a pessoa que escreve é levada a refletir sobre seu percurso de formação

formal, não-formal e informal” (PASSEGGI; SOUZA; VICENTINI, 2011, p. 373). Assim, a condição de colocar-se como autor da própria história, revela o quanto esse dispositivo é verdadeiro.

A pesquisa bibliográfica caracteriza-se por “[...] recorrer a fontes mais diversificadas edispersas, sem tratamento analítico [...]” (FONSECA, 2002, p. 32), auxiliando o pesquisador a encontrar diferentes autores que abordam a temática em questão, bem como identificar elementos pouco investigados. Nesta perspectiva, a pesquisa bibliográfica contribui para a ampliação dos conceitos, os quais posteriormente auxiliam na análise dos dados.

Em relação à abordagem da pesquisa, trata-se da qualitativa, pois “[...] preocupa-se, portanto, com aspectos da realidade que não podem ser quantificados, centrando-se na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais.” (SILVEIRA; CORDÓVA, 2009, p. 31). Deste modo, a pesquisa ocorreu com auxílio de elementos concretos, em que se analisou a relação com o meio e a organização social.

A abordagem é fundamental para a compreensão de particularidades, possibilitando a exteriorização da subjetividade, sem a necessidade de assegurar a homogeneidade dos resultados. Portanto, responde a questões mais particulares, trabalhando com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, dessa forma “[...] corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.” (MINAYO, 2010, p. 23).

Para a viabilização científica, os princípios epistemológicos e os referenciais teóricos que sustentara a escolha pela pesquisa (auto)biográfica em educação (ALHEIT e DAUSIEN, 2006; Delory-Momberger (2012); Ferrarotti (2014); Passeggi (2011, 2014); Torre (2019).

Como instrumento para coleta de dados foi utilizado um Quadro com unidades de análise pautada nas práticas pedagógicas ensinadas na formação inicial, nas vivências das práticas pedagógicas no CEI investigado, na Polinização Psicopedagógica (2019) que

evidenciaram o desenvolvimento da autonomia e da criatividade, definidos por Torre (2019).

Os princípios que favoreceram o desenvolvimento da **autonomia** e **criatividade** são **compartilhar, conectar, fecundar, frutificar**. Justifica-se a escolha destes princípios, a partir de leituras realizadas durante o estudo e por aproximar-se com objetivos da pesquisa.

As unidades de análise foram definidas a partir do Quadro 1. Este quadro facilita identificarmos quais relações devem existir entre **autonomia** e **criatividade** a partir dos procedimentos pedagógicos na formação inicial, das vivências da prática pedagógica na perspectiva da **polinização psicopedagógica**.

A seguir, apresenta-se o Quadro 1 com a descrição dos conceitos sobre polinização psicopedagógica, bem como as categorias de análise, que servirá de apoio para análise decada Episódio.

Quadro 1: Conceitos da polinização psicopedagógica e as categorias de análise

POLINIZAÇÃO PSICOPEDAGÓGICA (TORRE, 2019. p. 06)	CATEGORIA DE ANÁLISE
<ul style="list-style-type: none">• <i>Compartilhar</i>, informações, explorar possibilidades, transferir pólen de um lugar para outro;• <i>Conectar</i>, unir, estames e estigma, sem essa conexão a próxima fase não é possível;• <i>Fecundar</i>, germinar, conceber, gerar nova vida;• <i>Frutificar</i>, dando sementes e frutos para a sobrevivência das espécies. A vida das espécies é regenerada, aparecendo mudanças genéticas e novas espécies.	Autonomia e Criatividade

Fonte: elaborado pela autora (2019)

A seguir, em forma de Episódios seguem algumas experiências vivenciadas nos Centros de Educação Infantil.

Episódio 1

No decorrer dos quatro anos no curso de Pedagogia, as aulas ministradas pelos docentes foram praticamente expositivas, teóricas, entretanto utilizavam-se de diferentes estratégias de trabalho, mapas conceituais, recursos de multimídia, que elucidava melhor o conteúdo abordado. Mas havia poucas aulas práticas, quando isso ocorria os estudos eram individuais ou em equipes.

Os textos e conteúdos estudados proporcionaram reflexões sobre a prática docente, agregaram conhecimento, mas principalmente no período do estágio. Os docentes contribuíram viabilizando estratégias e orientações das fontes a serem pesquisadas para conseguir subsídios, ideias de atividades a serem adaptadas em LIBRAS para as crianças surdas. Diante disso, as pesquisas em livros e internet passaram a ser recorrentes, a fim de elaborar os planos de aula aplicados no estágio e no local onde atuava como professora de LIBRAS, explorando a minha criatividade e autonomia para sua realização.

No processo de adaptação das atividades, o lúdico e recursos visuais foram bastante utilizados para contribuir na aprendizagem das crianças surdas. O ensino da Língua de Sinais foi gradual e nesse contexto, a intencionalidade por meio das atividades foram alcançadas. Elas se apropriaram das LIBRAS e gradativamente, as crianças surdas tornaram-se mais autônomas, me questionando sobre diversos sinais ainda desconhecidos, denotando mais autonomia para estabelecerem um diálogo.

No decorrer do ano, em março de 2016, foram confeccionados diversos materiais em LIBRAS, utilizando a imagem com o sinal correspondente como por exemplo: jogo da memória, imagens, sinais, alfabetos, cores, quebra-cabeça, números, animais, família, objetos, materiais, brinquedos e alimentação.

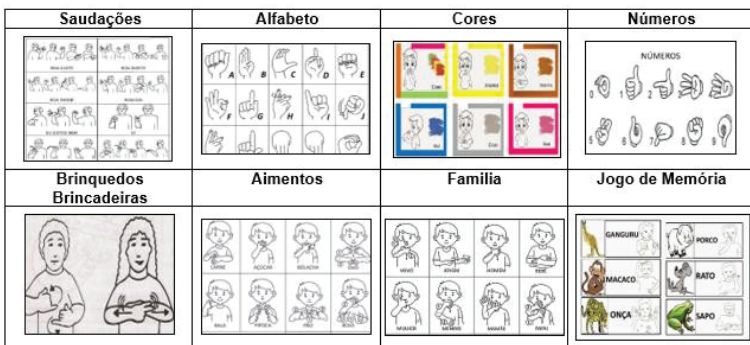


Figura 1 – Figuras ilustrativas

Fonte: Google - organizado pela pesquisadora (2019).

Essas adequações permitiram que criança surda se sentisse parte daquele espaço e aos poucos, desenvolvesse autonomia. Pois, agora ela conheceu uma língua para se comunicar e a partir disso, tudo ao seu redor começou a fazer sentido.

Episódio 2

Houve uma ocasião que a professora regente precisou se ausentar do recinto, para participar de uma reunião, então eu fiquei responsável pela turma, aproveitei o momento e ensinei as crianças o alfabeto em LIBRAS, sinais de animais e alguns sinais usados no dia a dia, posteriormente anexei um cartaz na parede com esses sinais. Com esse recurso visual exposto na sala de aula proporcionei a todos as crianças surdas e ouvintes acesso a LIBRAS, enriquecendo a aprendizagem de ambos, essas ações são imprescindíveis para possibilitar o processo de inclusão.

Quadro 2 – Episódio 1

Objetivo da Proposta Pedagógica <ul style="list-style-type: none"> • Aprender os sinais em LIBRAS • Desenvolver o seu conhecimento da unidade e comunidade 	
Espaço: sala de aula	
Recurso Material	Recurso Humano <ul style="list-style-type: none"> • 1 menina surda (4 anos de idade – Pré-Escolar I)
Jogo da memória, imagens, sinais, alfabetos, cores, quebra-cabeça, números, animais, família, objetos, materiais, brinquedos e alimentação em LIBRAS	
Descrição da Proposta Pedagógica De forma gradativa ampliar o vocabulário em LIBRAS da criança surda	
Categoria de Análise Autonomia e Criatividade	
Análise da Proposta Pedagógica A criança demonstrou bastante interesse em aprender os sinais (autonomia), constantemente perguntava sinais de diferentes objetos, locais, entre outros (criatividade). Criança surda que não sabe de sinal em LIBRAS, mepedido ajudar que demonstrar os jogos de brincadeiras as animais que saber qual sinais cada as animais, de acordocom Torre (2019, p. 06) Frutificar ; dando sementes e frutos para a sobrevivência das espécies. (Compartilhar; Conectar; Fecundar; Frutificar). Compartilhar informações, explore possibilidades, transfira pólen de um lugar para outro (TORRE, 2019, p. 06, tradução nossa).	

Fonte: elaborado pela autora (2019)

Quadro 3 – Episódio 2

<p>Objetivo da Proposta Pedagógica</p> <ul style="list-style-type: none"> • Ensinar os sinais em LIBRAS 	
<p>Espaço: sala de aula</p>	
<p>Recurso Material</p> <ul style="list-style-type: none"> • Cartaz com alfabeto em LIBRAS • Sinais de animais • Sinais usados no dia a dia 	<p>Recurso Humano</p> <ul style="list-style-type: none"> • 1 menina surda (4 anos de idade – Pré Escolar II) • 1 menino surdo (4 anos de idade – Pré Escolar II)
<p>Descrição da Proposta Pedagógica</p>	
<p>Categoria de Análise Autonomia e Criatividade</p>	
<p>Análise da Proposta Pedagógica</p> <p>Aprenticei sinais de alfabeto em LIBRAS que os alunos ouvintes está aprender de sinais cada alfabetos que alguém não conseguir fazer certa que pedido ajudar certa, e a criança surda também tentou sinais de alfabeto. (autonomia). Ensinar com as crianças Ouvintes/Surdas que aprender sinais de animais que apresentar por cada sinal, depois de novo apresentar que as crianças saber ou lembrar para cada imagem de sinal, demonstrar repetir de lembrança. Mostrar as imagens de lugar na área tem sinal do CEI de apresentar, as crianças surdas me mostrasinal por exemplo “<i>bathairi</i>” que ir sozinhas saber (criatividade). Torre (2013) afirma que precisamos converter um espaço educativo agradável de convivência, em um laboratório criativo, onde crianças e professores seguem aprendendo de forma significativa, imaginativa, integral e especialmente de forma compartilhada e responsável.</p>	

Fonte: elaborado pela autora (2019).

Considerações finais

Todo o processo da pesquisa, resultante da pergunta “quais foram as práticas pedagógicas que desenvolveram a autonomia e criatividade de acordo com suas vivências para a formação de uma estudante surda no Curso de Pedagogia”, evidenciaram que este estudo contribuiu de forma relevante principalmente para futuros acadêmicos surdos.

A partir dos objetivos específicos, que foram “descrever as práticas pedagógicas que desenvolveram a autonomia e criatividade durante o Curso de Pedagogia”, concluiu-se que na universidade adquire-se muito conhecimento teórico e que os estágios foram primordiais na vida acadêmica, além de pôr em prática a teoria aprendida ampliou a visão e mudou a perspectiva, ao se colocar no lugar das crianças e almejar algo diferente da educação vivenciada. Para “esboçar evidências do desenvolvimento da autonomia e da criatividade aplicadas na prática pedagógica no CEI investigado”, evidenciou-se vários momentos que as crianças desejavam aprender os sinais, constantemente perguntavam sinais de diferentes objetos, locais, entre outros. Ao adquirirem a língua de sinais passaram a ter mais autonomia para se comunicar e o que estava ao seu redor começou a fazer sentido. Ao ser analisado “os procedimentos pedagógicos desenvolvidos no CEI, considerando a polinização psicopedagógica na perspectiva do desenvolvimento da autonomia e da criatividade a partir da sua prática docente”, notou-se que através dos recursos utilizados em língua de sinais, o diálogo de forma natural e prazerosa em LIBRAS com as crianças surda, ouvintes, e com todos os envolvidos nesse processo de inclusão, potencializou a disseminação da língua de sinais.

Por meio da pesquisa (Auto)biografia, baseada no processo de formação inicial, percebeu-se a universidade como colaboradora na construção do saber, no desabrochar do potencial a superar os desafios, dando mais autonomia e criatividade para resolver as situações encontradas no percurso da vida acadêmica e profissional. Bem como a aplicação desse conhecimento na prática na educação infan-

til da Rede Municipal de Ensino de Blumenau/SC, corroborando de forma significativa a formação pessoal e profissional. Além de ser ter contribuído para o desenvolvimento profissional, acredita-se que essa pesquisa seja relevante para o CEI, por trazer dados concretos sobre a organização das aulas e a relevância da criança surda ter o contato com professores surdos que servem de modelos para a formação de sua identidade surda permitindo que as crianças surda desenvolvam autonomia por meio da linguagem. Crianças surdas incluídas na educação infantil sem professores com domínio na Língua de Sinais, acabam sendo prejudicadas, pois as aulas são organizadas e planejadas de acordo com as especificidades do grupo majoritário de crianças ouvintes, acarretando a aprendizagem delas.

Sendo assim, conclui-se com esse trabalho, a satisfação em fazer parte da Polinização Psicopedagógica, através da narrativa de uma história acadêmica e profissional, disseminando o conhecimento adquirido nessa trajetória.

Referências

ALHEIT, Peter; DAUSIEN, Bettina. **Processo de formação e aprendizagem ao longo da vida**. (2006) Disponível: <http://www.scielo.br/pdf/ep/v32n1/a11v32n1.pdf>. Acesso: 16 out. 2019.

BLUMENAU (SC). Prefeitura. **Secretaria Municipal de Educação**. Educação Infantil – Blumenau: Prefeitura Municipal/SEMED, 2012. 108 p.: il. – (Diretrizes curriculares municipais para educação básica, 2012.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. **Secretaria de Educação Fundamental**. Brasília, MEC, SEF, 1988.

BRASIL. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Brasília: MEC, SEF, 1988.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Especial. **Ensino de Língua Portuguesa para Surdos**: Caminhos para a Prática Pedagógica. Programa Nacional de Apoio à Educação dos Surdos: Brasília, 2004.

BRASIL, Ministério da Educação. **Educação Infantil**: Surdez Dificuldades de comunicação e sinalização saberes e práticas da inclusão. Brasília, MEC/SEF, 2006.

BRASIL. **Lei nº 5626, de 25 de dezembro de 2005**. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/2005/decreto-5626-22-dezembro-2005-539842-publicacaooriginal-39399-pe.html>. Acesso em: 20 jun.2019.

DELORY-MOMBERGER, Christine. Abordagens metodológicas na pesquisa biográfica. **Revista Brasileira de Educação** v. 17 n. 51 set.-dez. 2012. Disponível: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v17n51/02.pdf>. Acesso: 18 out. 2019.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.

FURB. Convivendo com o Estudante com Deficiência e/ou TDAH Documento de Orientação para o Corpo Docente da FURB. **Coordenadoria de Assuntos Estudantis**: Blumenau, 2016.

FURB. **Plano de Desenvolvimento Institucional**, 2016-2020. Blumenau, 2017.

GASKELL, G. **Entrevistas individuais e grupais**. In: BAUER, M.W.; GASKELL, G. Pesquisa Qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013, 64-89.

GOLDFELD, Márcia. **A criança surda**: linguagem e cognição numa perspectiva sócio- interacionista. São Paulo: Plexus, 1997.

LIBÂNIO, José Carlos. Pedagogia e pedagogos: inquietações e buscas. *Educar*, Curitiba, n. 17, p. 153-176. 2001. Disponível em: http://www.educaremrevista.ufpr.br/arquivos_17/libanio.pdf. Acesso: 18 out. 2019

NÓVOA, A. Firmar a posição como professor, Afirmar a profissão docente. **Cadernos de Pesquisa**, Rio de Janeiro, v. 47, n. 166, p. 1106-1133, out.-dez. 2017. <https://doi.org/10.1590/198053144843>

MEC. **O tradutor e intérprete de língua brasileira de sinais e língua portuguesa** / Secretaria de Educação Especial. Programa Nacional de Apoio à Educação de Surdos - Brasília: MEC; SEESP, 2004. 94 p.: il.

PASSEGGI, M. C. **Injunção institucional e sedução autobiográfica**: as faces autopoiética e avaliativa dos memoriais. In: BARBOSA, T. M. N; PASSEGGI, M. da C. (Org.). Memorial acadêmico: Gêneros, injunção institucional, sedução autobiográfica. Natal: EDUFRN, 2011.

PASSEGGI, Maria da Conceição; SOUZA, Elizeu Clementino de; VICENTINI, Paula Perin. **Entre a vida e a formação**: pesquisa (auto)biográfica, docência e

profissionalização. Educ. ver., v. 27, n.1, p.369-386, 2011. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-46982011000100017>. Acesso em: 20. out. 2019.

PINEAU, Gaston. **Experiências de Aprendizagem e Histórias de vida**. In: CARRÉ, Philippe; CASPAR, Pierre. Tratado das Ciências e das Técnicas da Formação. Trad. Pedro Seixas. Lisboa: Instituto Piaget, 1999. (Coleção Horizontes Pedagógicos).

SILVEIRA, Denise Tolfo., CÓRDOVA, Fernanda Peixoto. **A pesquisa científica**. In: GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo (Org). Métodos de pesquisa. Porto Alegre: editora da UFRGS, 2009.

TORRE, Saturnino de la. **Adversidade e diversidade criadoras: desenvolvendo outra consciência**. In: TORRE, Saturnino de la; ZWIEREWICZ, Marlene; FURLANETTO, Ecleide C. (Orgs.). Formação Docente e Pesquisa Transdisciplinar: criar e inovar com outra consciência. Nova Letra: Blumenau, 2011.

TORRE, S. de la. **Polinización Psicopedagógica**. In: ZWIEREWICZ, M., SIMÃO, V.L.; SILVA, V.L.S. Ecoformação de professores com polinização de escolas criativas. Caçador: UNIARP, 2019.